

A full-page image of Harley Quinn from the movie 'Birds of Prey'. She is wearing her signature pink and black outfit, a clear leather jacket, and a tinsel cape. She has her blonde hair in pigtails and is holding a mallet over her shoulder. The background is a dark, stylized city street with blue and purple lighting and falling confetti.

CULT
DE CULTURA

COLÓQUIO
NACIONAL EM
ARTE SEQUENCIAL
E CULTURA POP

8 A 10
OUTUBRO
2020

FACULDADES
EST

POP!

CADERNO DE RESUMOS



GT 7 - REPRESENTAÇÕES E REPRESENTATIVIDADE NA CULTURA POP

Sábado – 10/10 – das 14h às 17h

Coordenador: Ruben Marcelino Bento da Silva

QUEM LACRA, NÃO LUCRA? UM MAPEAMENTO DE (CIBER)ACONTECIMENTOS SOBRE REPRESENTATIVIDADE NA CULTURA POP

Christian Gonzatti⁹⁰

A Netflix, atenta a questão da representatividade, realizou uma pesquisa que chegou a conclusão de que 69% dos jovens brasileiros buscam representatividade nos produtos midiáticos consumidos⁹¹. Abby Moore (2019) destaca que há muitos estudos apontando como as representações positivas na mídia podem mudar as maneiras como as pessoas, especialmente as crianças, pensam sobre si mesmas e o seu potencial. Representatividade tornou-se, conseqüentemente, uma expressão recorrentemente usada em plataformas de redes sociais como reivindicação política e identitária, inaugurando discussões que interpelam a cultura pop através de questões de gênero e sexualidade, raça, classe, neurodiversidade, religião, entre outros marcadores sociais. Discutir uma proposta conceitual para o termo, a partir dos estudos de gênero e sexualidade (BUTLER, 2003; LOURO, 2003) e uma diferenciação da noção de representação midiática (FREIRE FILHO, 2005) é uma parte contextual e teórica do artigo, assim como uma reflexão sobre a centralidade da cultura pop (SOARES, 2019) em ciberacontecimentos e acontecimentos (HENN, 2014). Entendo que, dessa maneira, o objetivo desdobrado aqui ganha maior materialidade e potência reflexiva.

As narrativas ficcionais da cultura pop sempre foram promotoras de discussões sobre as mais variadas dimensões da sociedade. O que ocorre é que atualmente, com espaços para a conversação estruturada em rede, estudadas por Raquel Recuero (2014), como as plataformas de redes sociais Twitter e Facebook, grupos passaram a manifestar discussões sobre a visibilidade de LGBTQIA+⁹², mulheres, negros – incluindo a interseccção dessas

⁹⁰ Doutorando e Mestre em Ciências da Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, graduado em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda, pela mesma instituição. E-mail: christiangonzatti@gmail.com.

⁹¹ Os dados foram colhidos pela NetQuest, que conduziu a pesquisa entrevistando mil pessoas entre os dias 13 e 15 de janeiro de 2020 com jovens de 16 a 25 que com acesso à internet e que consumiam filmes e produções televisivas por streaming ou métodos tradicionais como TV aberta e a cabo. Fonte: <https://www.omelete.com.br/netflix/netflix-representatividade-pesquisa-video>. Acesso: 27 abr. 2020.

⁹² Opto pelo uso da sigla com algumas colocações. O LGBTQIA+ representa: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais e o + marcam outras identidades, como pansexuais. Destaco que considero muito conflituoso tentar demarcar as identidades dissidentes em relação às imposições normativas de gênero e sexualidade em uma sigla. Há o uso de alguns ativistas, por exemplo, da sigla



identidades, como defendido por Kimbérle Crenshaw (2004) – em diferentes instâncias da sociedade, como a midiática. Não se pode ignorar, também, como pontua Rodrigo Castelo (2013) que o neoliberalismo, seguindo uma reflexão marxista, vem transformando “tudo” em mercadoria. O autor demonstra como, a partir dos anos 1970, estratégias de dominação capitalista neutralizam pautas e reivindicações das classes trabalhadoras. Um desses movimentos está localizado no investimento de grandes empresas em pautas relacionadas à questões de gênero, sexualidade e raça. A discussão e a reflexão sobre representatividade é, portanto, complexa, multifacetada e não pode se esgotar em binarismos, maniqueísmos ou deslumbramentos.

As produções midiáticas que se desdobram da cultura pop estão sendo potencialmente engendradas à disputas políticas. Kaluan Bernardo (2019) olha para os confrontos entre a esquerda e a direita na cultura nerd, citando manifestações contra a série *Watchmen* (criada por Damon Lindelof para HBO e lançada em 2019) por abordar temas como o racismo. Cita a contradição que há nessas leituras à direita/extrema direita tendo em vista que Alan Moore, o criador de *Watchmen*, originalmente uma história em quadrinho publicada em 1986, se considera anarquista e era um crítico de governantes de direita como Margaret Thatcher e Ronald Reagan.

Para além disso – e do que é refletido ao longo dessa pesquisa em andamento – há muitas representações políticas na cultura pop e na sua vertente cultural denominada nerd. Os *X-Men*, por exemplo, possuem metáforas que funcionam como uma crítica para o racismo e as desigualdades (FAWAZ, 2011). A reverberação das histórias dos mutantes também passou a mobilizar identificações com pessoas dissidentes em gênero e sexualidade dada a forma como as pessoas que sofrem mutação e adquirem dons especiais são lidas como anormais, doentes, têm seus direitos ceifados e passam por recorrentes disputas contra supostas curas nas histórias desse universo – o que foi recorrentemente utilizado pelo ativismo na crítica a um juiz que abriu brechas para tratamentos de “cura gay” no Brasil, proibidos pelo STF (Supremo Tribunal Federal)⁹³. O Superman é um alienígena, um Outro do planeta Krypton, que tenta se encaixar na humanidade a partir do exercício da alteridade. A Mulher-Maravilha, como relata a pesquisa de Jill Lepore (2014), foi criada para ser um símbolo feminista. *Star Wars* tem como antagonista o Império, um poder militar com traços fascistas. Harry Potter retrata a luta contra o preconceito e a discriminação. E há uma longa lista de outras produções que, principalmente ao anunciarem algum movimento relacionado à representatividade, tornam-se deflagradoras de disputas entre o fechamento e abertura em relação à diversidade.

LGBTQICAPF2K+. Corre-se o risco de sempre deixar alguém à margem. Nesse sentido, durante o trabalho, mais do que o uso de LGBT, LGBTQ ou o LGBTQIA+ utilizarei a expressão **pessoas dissidentes em gênero e sexualidade**. Mais informações em Lucas Lira de Menezes (2018).

⁹³ Em 2017, o juiz federal Waldemar Claudio de Carvalho, do Distrito Federal, publicou uma resolução que abria brechas para permitir, juridicamente, o tratamento. Em contrapartida, o STF suspendeu a decisão judicial que tentava permitir terapias de “reversão de homossexualidade” no Brasil. Para saber mais: < <https://poenaroda.com.br/diversidade/stf-decide-que-cura-gay-deve-continuar-proibida-no-brasil/>>. Acesso em: 27 br. 2020.



Noto um cenário no qual a demanda “diversidade”, especialmente no que se refere ao teor representativo de produções midiáticas, tem sido uma mobilizadora de disputa de sentidos na cultura pop. No Brasil e nos Estados Unidos, por exemplo, filmes como *Star Wars VII: O Despertar da Força* (dirigido por J. J. Abrams e lançado em 2015), *Mulher-Maravilha* (dirigido por Patty Jenkins e lançado em 2017), *Pantera Negra* (dirigido por Ryan Coogler e lançado em 2018) e *Capitã Marvel* (dirigido por Anna Boden e Ryan Fleck, lançado em 2019) ao mesmo tempo que foram celebrados por romperem com graus de invisibilidade em relação ao gênero e raça, também revelaram incômodos relacionados ao protagonismo das mulheres e de pessoas negras. Notícias falsas⁹⁴, tentativas de boicote⁹⁵ e discursos de ódio nos perfis de celebridades em sites de redes sociais⁹⁶ são alguns dos movimentos feitos para desqualificar produções da cultura pop que buscam construir imaginários e narrativas com mais representatividade. Caracterizações percebidas no que proponho como objetivo nesse texto, parte de uma tese de doutoramento em construção: *mapear acontecimentos e ciberacontecimentos relacionados às disputas sobre representatividade de gênero, sexualidade e raça na cultura pop/nerd*.

Tenho mapeado acontecimentos que envolvem a diversidade e a representatividade de gênero e sexualidade na cultura pop desde que me tornei membro do LIC, Laboratório de Investigação do Ciberacontecimento, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em 2012, como bolsista de iniciação científica durante a graduação em comunicação social. No grupo de pesquisa, utilizando metodologias para mapear redes digitais, tenho analisado os sentidos que são mobilizados por casos específicos no contexto brasileiro. Desde, como pontua Adriana Amaral (2016), as relações entre franquias e acontecimentos políticos, como as eleições presidenciais no Brasil e nos Estados Unidos – muito presente nas apropriações dos fãs para exercerem ativismo, demonstrada na pesquisa sobre ativismo de fãs de Adriana Amaral, Rosana Vieira de Souza e Camila Monteiro (2015) – até acontecimentos que são gerados pela cultura pop.

Para o processo metodológico, orientado por noções exploratórias (BONIN, 2013), sites dedicados aos jornalismo de cultura pop (GONZATTI, 2017), principalmente o nerd, foram acessados recorrentemente, além de terem sido realizadas buscas com palavras-chave específicas nesses sites e em plataformas de redes sociais. Foram mapeados, até o momento, 22 casos que se relacionam com o objetivo desse estudo. Desdobrá-los, notando as simetrias, aproximações e construindo constelações de sentidos que interpelam a cultura pop pelos estudos de gênero e sexualidade (HENN, GONZATTI, ESMITIZ, 2017) é um movimento analítico desenvolvido no estudo. Uma das singularidades percebidas no *corpus* é, por

⁹⁴ Perfis publicaram no Twitter imagens falsas de pessoas brancas que teriam sido agredidas por pessoas negras ao irem assistir ao filme Pantera Negra nos cinemas. Fonte: <https://medium.com/@flawler/fake-news-white-people-assaulted-at-black-panther-showings-eb358a680f64>.

⁹⁵ Ao anunciar uma mulher e um homem negro como protagonistas, *Star Wars VII* foi alvo de boicotes em sites de redes sociais. Fonte: <http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-116719/>.

⁹⁶ A atriz Anna Diopp, de Jovens Titans, teve que desativar os comentários em seu perfil no Instagram. Fonte: <https://www.vox.com/2018/7/27/17618954/teen-titans-starfire-racism-anna-diop>.



exemplo, o protagonismo de produções midiáticas envolvendo super-heroínas e super-heróis (8 casos), assim como a recorrência de ações que reforçam o terrorismo cultural contra as diferenças (MISKOLCI, 2015) através de plataformas digitais. A cartografia dessas “guerras infinitas” e digitais pode, coloco em hipótese, apontar caminhos emancipatórios para que a diversidade não seja apagada com um “estalar de dedos”.

Palavras-chave: representatividade; gênero e sexualidade; cultura pop; cibercontecimentos; plataformas digitais.

Referências:

AMARAL, Adriana. Cultura pop digital brasileira: em busca de rastros político-identitários em redes. **Revista Eco Pós**, v 19, n.3, 2016. Disponível em <<https://goo.gl/4QPSfE>>. Acesso em: 13 abr. 2020.

AMARAL, Adriana; SOUZA, Rosana Vieira de; MONTEIRO, Camila. De westeros no #vemprarua à shippagem do beijo gay na TV brasileira. Ativismo de fãs: conceitos, resistências e práticas na cultura digital. **Galaxia (São Paulo, Online)**, n. 29, p. 141-154, jun. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/DEoI2s>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

BERNARDO, Kauan. Como a cultura nerd virou campo de batalha entre direita e esquerda. **Tab Uol**, 2019. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2019/12/19/cultura-nerd-e-campo-de-batalha-entre-direita-e-esquerda.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

BONIN, Jiani. A. pesquisa exploratória na construção de investigações comunicacionais com foco na recepção. In: In: BONIN, J.; ROSÁRIO, N. M. (Orgs.). **Processualidades Metodológicas: Configurações transformadoras em Comunicação**. Florianópolis: Insular, 2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

CASTELO, Rodrigo. **O Social-liberalismo – Auge e crise da supremacia burguesa na era neoliberal**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

CRENSHAW, Kimberle W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **Cruzamento: raça e gênero**, Brasília: Unifem, 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/lfbEzB>>. Acesso em: 13 abr. 2020.



FAWAZ, Ramzi. "Where No X-Man Has Gone Before!". *Mutant Superheroes and the Cultural Politics of Popular Fantasy in Postwar America*. **American Literature**, v. 83, n.2, June 2011.

FILHO, João Freire. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **Revista Famecos**, n. 28, dezembro 2005. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/download/3333/2590>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

GONZATTI, Christian. Bicha, a senhora é performática mesmo: sentidos queer nas redes digitais do jornalismo pop. **Dissertação de mestrado**. PPGCCOM, Unisinos, 2017. Disponível em: < <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6902>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

HENN, Ronaldo. **El ciberacontecimiento, producción y semiosis**. Barcelona: Editorial UOC, 2014.

HENN, Ronaldo; GONZATTI, Christian; ESMITIZ, Francielle. Pussy made of steel: os sentidos inaugurados por um cartaz da Women's March na página Supergirl Brasil. **Revista Fronteiras**, estudos midiáticos. V.19, n.3, 2017. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2017.193.11>>. Acesso em: 27 abr. 2020.

LEPORE, Jill. **The Secret History of Wonder Woman**. New York: Knopf, 2014.

LIRA DE MENEZES, Lucas. A fragmentação excessiva do movimento LGBTQ+ proveniente da americanização da esquerda pós-guerra fria. **XIII Conages**, 2018. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO_EV112_MD4_SA8_ID435_09052018143036.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

MOORE, Abby. Avengers in the Void: Nietzsche, Nihilism, and Why We Need Superheroes. In: VACKER, Barry. **Media Environments**. Using Movies and Texts to Critique Media and Society. San Diego: Cognella, 2019.



RECUERO, Raquel. **A conversação em rede.** Comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SOARES, Thiago. Sob as lentes da Cultura Pop, as contradições e as desigualdades sociais. [Entrevista concedida a] João Vitor. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, n. 545, p. 12-15, 18 nov. 2019.